(Título provisório)

Simone W. Rothstein¹

Desde que me mudei para Israel há quase três anos, frequentemente me perguntam se já estou adaptada. E logo a pergunta se desdobra em mim: O que significa estar adaptada? Sim, estou feliz, me viro bem, trabalho como psicanalista, tenho amigos, muitos desafios e novidades interessantes. Não! É difícil, é limitante, é cansativo. Lembro-me de que no começo me sentia muito mais cansada do que de costume, tudo era mais difícil, até descer no elevador correndo o risco de encontrar algum vizinho simpático que resolvesse puxar papo no idioma estrangeiro.

Algumas vezes me senti como uma árvore, arrancada de seu solo, replantada. Vim com raízes e tudo mais. Mas em novo terreno, há de se ter paciência, é preciso dar um tempo para a “pega”.

São vários os estranhamentos e as saudades. Saudades até de mim. Saudades de poder me dizer, de poder me expressar. E então sofro. Sofro porque sou também o que falo e como falo (Cadê meu falo?). Há momentos em que a sensação é a de que partes de mim podem ressecar, como uva-passa. Não sendo ditas ou escutadas por um outro que as reconheça, partes minhas parecem correr o risco de cair em desuso.

O português é o meu riscado, é a linha-língua que me costura, que me desenha e que me faz ligar. Com licença, Caetano Veloso, mas também para mim a língua é minha pátria, minha mãe, minha irmã! E que prazer sentir minha língua roçar a língua de Luís de Camões. Trago meu português comigo. Ligo pros queridos que ficaram na minha margem atlântica. Escuto minhas músicas emepebe e bossa nova. E nesses momentos sou transportada, num ônibus circular imaginário, a uma zona pra lá de confortável. O português serve assim como um objeto transicional, uma fronteira móvel, linha de pesca que chega onde os olhos não veem, mas que me faz pulsar.

1. Psicóloga, especialista em saúde materno-infantil (UFRJ). Membro Associado da SBPRJ.

E sigo criando espaço para o diferente, para o outro e para a nova língua. Poucos meses depois de minha chegada, comecei a estudar hebraico junto a tantos outros estrangeiros.

Unheimlich! Aprender hebraico me coloca em um lugar bom e desconfortável. Traz um lado doce e familiar de infância, de estar na escola, de ser aluno com suposta e “autorizada” ignorância, ter hora de recreio e de lanche. Permite-me compartilhar com pessoas desconhecidas aflições comuns e poder rir da “desgraça alheia”, sabendo que ela é minha também. E me faz reconhecer em mim o desconforto de uma senhora tímida no canto da sala, e depois saber que se trata de uma renomada médica parisiense. Mas é isso, vale para todos: Em outras terras, ou em outras palavras, temos que nos reinventar. E nesta reinvenção, acolher o sentimento vertiginoso do não saber o que fica e o que se vai.

Moro em Tel Aviv – Tel Aviv, cidade que tem seu nome inspirado no título de romance escrito por Theodor Herzl, *Altneuland*: A terra do velho e do novo. *Tel* significa monte constituído pelo acúmulo de camadas civilizatórias, trata-se das marcas do passado no presente, enquanto *Aviv*, que significa primavera, faz referência à novidade, aos novos frutos, ao que está por vir.

Em Tel Aviv divido seus 52 km quadrados com aproximadamente 440 mil pessoas, que vêm de todos os cantos do mundo. Pessoas dos mais diversos idiomas, sexos e credos convivem neste pequeno espaço físico. Passado se faz presente no passeio das famílias que parecem recém-chegadas da Polônia ou da Rússia na virada do século retrasado. Mais antigos ainda, judeus e árabes com seus hábitos tribais. Muçulmanas usando hijab, que chegam da entrada principal da Universidade de Tel Aviv, conversam com judias americanas, francesas, argentinas ou brasileiras, que dividem calçada com o casal gay que leva seu cachorro para passear, que esbarra na esquina com um grupo de israelenses e chineses que já estão no amanhã tecnológico. Neste *melting pot* sou convocada a reconhecer minha liga, o que tenho e o que sou, forjando minha identidade, ainda que para isso pareça correr o risco de derreter. Lido constantemente com as dores e as delícias de ser nova neste outro lugar, fazendo questão de ser também velha e ter história para contar.

Estou morando aqui há quase três anos e tudo ainda parece ter título provisório, não por ser, ou não, esta moradia temporária, mas por sermos nós transitórios. Na medida em que nos arrancamos de nossa terra, nossas raízes ao vento se arejam, a angústia de castração ou de perda de bordas é intensa, mas não maiores do que a alegria de se reconhecer em nova primavera. Dentro de nós, rosas e jequitibás.

(Título provisório)

Mudaram as estações, nada mudou. Tudo mudou.

Recebido em: 7/2/2019

Aceito em: 10/4/2019

Simone W. Rothstein
Boyer Street, 2/55
Tel Aviv - Israel
+972 54 3446905
simonewr@rotx.com.br